

Resenha

Sá Barreto, Eduardo. *Ecologia marxista para pessoas sem tempo*. São Paulo: Usina Editorial, 2022.
ISBN 9786587277172

Um livro que vale o tempo de leitura

Marcelo Badaró Mattos*

Diante da crise ecológica que corre em curso implacável nos dias atuais, a obra de Marx e as tradições dos marxismos possuem algo de relevante a nos ensinar? Em seu novo livro, Eduardo Sá Barreto nos apresenta argumentos em quantidade e qualidade suficientes para uma resposta afirmativa a essa pergunta. Não nos deixemos enganar, porém, por essa primeira constatação: a obra de Marx não nos fornece um manual de sobrevivência frente à tragédia em andamento. O autor também demonstra que, por mais que Marx tenha explicitado sua preocupação com as contradições da relação entre a humanidade e a natureza sob a égide do modo de produção capitalista, esse não foi o centro de seu esforço de estudo e intervenção e mesmo que fosse não encontraríamos nele todas as respostas para nossos dilemas atuais. Por outro lado, ainda que os marxismos contemporâneos possuam algumas das melhores indicações para as respostas a esses dilemas, não estão imunes à armadilha de buscar soluções – definitivas ou paliativas – no interior de uma ordem social em que tais soluções simplesmente não podem ter êxito. E mesmo quando marxistas elaboram propostas de superação da crise ambiental para além da ordem do capital, possuem enorme dificuldade de transformá-las em “guia para a ação” e mobilizar em torno delas.

Ecologia marxista para pessoas sem tempo é o resultado do trabalho de um professor de economia orientado pela obra de Marx e seus legados. Por isso, o livro parte do diálogo – crítico, muito crítico – com o pensamento econômico dominante e, seguindo as pistas de Marx, busca demonstrar como o enraizamento da economia convencional na naturalização do capitalismo como único horizonte do possível a faz buscar possibilidades de correção de rumos e saídas no interior da ordem que são concreta e logicamente impossíveis. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, de um esforço de crítica da economia (política) do “capitalismo verde” e seus congêneres. O livro, porém, faz muito mais que isso.

Na primeira e mais extensa parte da obra, Sá Barreto percorre essas tentativas de respostas à crise no campo das manifestações da “ciência econômica” dominante – em suas versões de “economia ambiental” ou “economia ecológica” – mostrando como suas propostas, embora diferentes na aparência, são essencialmente presas ao universo ideológico do capital. Ao mesmo tempo, apresenta o fundamento de sua crítica na obra de Marx, buscando mostrar como *O Capital* nos revela uma lógica autoexpansiva inerente à dinâmica da acumulação capitalista, que torna essa forma social centrada na produção de mercadorias irremediavelmente destrutiva na sua relação com a natureza. Cabe aqui registrar que, embora esse não seja o objetivo central do livro, o leitor nele encontrará uma excelente introdução à crítica da economia política de Marx, com explicações sintéticas e didáticas sobre suas categorias de análise fundamentais, sem nunca cair no simplismo ou esquematismo. Combina-se

* Professor titular de história do Brasil na Universidade Federal Fluminense (UFF).

aqui, portanto, a habilidade do método de exposição do professor, com os recursos mais sofisticados de um pesquisador cujos trabalhos anteriores serviram de base para esse novo patamar de reflexão.¹

Cabe ressaltar, ainda, que a formação de economista não restringe Sá Barreto ao universo da sua especialização acadêmica. Seu investimento em conectar uma análise do social ao conhecimento mais avançado das “ciências naturais”, indispensável ao debate sobre a questão ecológica, fica evidente ao longo de todo o texto.

Ao fim da primeira parte, é difícil não ser convencido pela argumentação do autor sobre a insustentabilidade das interpretações que apresentam “a dinâmica ecologicamente destrutiva [como] um *desvio de um curso normal racional*, uma perversão de um possível capitalismo sustentável ou menos devastador.” Seguindo seu raciocínio, “o erro, aqui, está em não perceber que a *máxima racionalidade* econômica no plano do capital individual *se expressa de modo destrutivo*, i.e., como máxima irracionalidade no plano ecológico. Esse par de racionalidade e irracionalidade, portanto, não pode ser abordado como uma anormalidade no interior do capitalismo, mas como uma contradição integrante de sua dinâmica típica/ideal.” (Sá Barreto, 2022, p. 122)

Na segunda parte do livro, convencidos dessa tese, somos convidados a perceber as contribuições, e também as contradições, de pensadoras(es) críticos radicais do capitalismo e alicerçados de alguma forma nos marxismos – portanto, profundamente distantes do pensamento econômico dominante, que havia sido criticado na primeira parte. Os debates sobre as fases do ecossocialismo, o significado das classificações de uma nova era geológica – antropoceno ou capitaloceno – e as polêmicas em torno às contribuições de Marx para o pensamento ecossocialista, comparecem através da apresentação das propostas de alguns dos mais representativos ecologistas marxistas da atualidade. Ainda assim, o autor não se furta a polemizar com importantes autores marxistas, especialmente quando menosprezam o potencial da própria contribuição de Marx à compreensão do dilema ecológico, o que tem consequências para as “soluções” que propõem, objeto de discussão na parte seguinte do livro.

A terceira e última parte do trabalho é aquela em que o autor se move pelo terreno mais arriscado, e ao mesmo tempo muito necessário, da política. Como atuar de forma consequente com as conclusões apresentadas nas partes anteriores, para construir uma política revolucionária em direção à superação do capitalismo, que abra o campo de possibilidades para a ruptura com o metabolismo destrutivo na relação da humanidade com a natureza instituído pelo capitalismo? Nessa etapa, temas clássicos do debate da esquerda revolucionária – como tática e estratégia, organização e programa – são retomados e lidos à luz do desafio enfrentado por Sá Barreto de atacar não apenas os sintomas, mas sim as causas da crise. O que significa “entender que enquanto a lógica do capital presidir nossas vidas, todas as vias possíveis para respondermos efetivamente aos desafios colocados pela emergência climática estarão bloqueadas.” Isso posto, nos lembra o autor, “não pode haver procrastinação de qualquer tipo. É fundamental imprimir velocidade à nossa mobilização” e “aproveitar qualquer oportunidade de tomar as rédeas do Estado e forçá-lo a outra direção” (*ibidem*, pp. 221-22). Literalmente, estamos sem tempo.

A dimensão crítica, nesta parte final do livro, se destaca na apreciação dos textos que, embora no campo dos marxismos, apresentam análises e propostas que parecem acreditar na possibilidade de mitigações do colapso ambiental e/ou políticas de transição (energética em especial) ainda no interior da forma social regida pela dinâmica do capital. Ao partirem de uma avaliação de que a revolução não se apresenta no horizonte imediato, ao mesmo tempo em que percebem nitidamente a urgência do problema para a humanidade, deixam-se levar pela ilusão de que é possível retardar os efeitos mais nefastos da crise ecológica ou mesmo preparar a transição a uma economia verdadeiramente sustentável, antes da ruptura radical com a ordem existente. Em relação à transição energética, o autor sustenta sua crítica

¹ Em certo sentido, a primeira parte do livro condensa, atualiza e retoma reflexões presentes em dois outros livros do autor: Sá Barreto (2021; 2018).

em um amplo conjunto de dados, que demonstram como o aumento recente da produção de energias renováveis – um incremento significativo – não representou decréscimo, muito pelo contrário, do consumo de combustíveis fósseis, que cresceu em termos percentuais e absolutos, em escala ainda maior que os renováveis. A ideia de que “passos em direção a uma transição energética possam ser dados ainda no capitalismo” perde de vista, portanto, que “esse modo de produção insano e febril que chamamos de capitalismo é absolutamente dependente de energia barata e abundante. Sem ela, as engrenagens da produção pela produção emperram e a dinâmica da acumulação engasga” (*ibidem*, p. 215).

Há outros méritos da obra, aos quais devemos fazer menção. Não apenas na última parte, mas percorrendo todo o livro, somos apresentados a algumas das informações científicas mais atualizadas sobre as dimensões da crise climática e ecológica, alertando-nos não apenas para a urgência quanto para a absoluta prioridade do enfrentamento dessa crise. Também perpassa as três partes uma introdução – como vimos nunca isenta do olhar crítico do autor – ao que de melhor a produção recente orientada pelo marxismo tem oferecido para a crítica ecológica do capitalismo. Autores como John Foster, Kohei Saito, Andreas Malm, Michael Lowy, Sabrina Fernandes, Paul Burket e vários outros comparecem nesse esforço.

Ao fim da leitura, que embora nos conduza por uma reflexão densa pode ser feita de forma relativamente rápida, graças à fluidez do texto e à clareza da exposição do autor, saímos convencidos de que, se “preservar a habitabilidade do planeta” pressupõe a “transformação emancipatória”, “e se essa habitabilidade se encontra sob risco iminente, então cabe a nós eliminarmos com urgência tal descompasso entre o que precisa ser feito e o que tem sido feito” (*ibidem*, p. 190). Nada mais de acordo com Marx do que uma análise que, insistindo em ir à raiz do problema, por mais assustadoras que possam ser as conclusões, longe de nos levar à frustração, nos convida à ação. Já passou da hora de aceitarmos o convite.

Referências

- Sá Barreto, Eduardo. *Ecologia marxista para pessoas sem tempo*. São Paulo: Usina Editorial, 2022.
- _____. *De Smith a Marx: curso introdutório em dez aulas*. São Paulo: Usina Editorial, 2021.
- _____. *O capital na estufa: para a crítica da economia das mudanças climáticas*. Rio de Janeiro, Consequência, 2018.

Recebido em 07 de maio de 2023
Aprovado em 07 de maio de 2023